



OLHARES DE UMA EQUIPE DIRETIVA SOBRE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Priscila Renata Martins¹
André Luiz dos Santos Silva²

Resumo

O presente estudo objetivou analisar as concepções da Equipe Diretiva de uma escola localizada na região com maior índice denúncias de ameaça no município de Novo Hamburgo sobre a violência de gênero e sobre as relações de gênero. Através de entrevista semiestruturada foram coletados os relatos da equipe diretiva, que deram origem às categorias de análise “Gênero... Masculino e feminino? O gênero como lugar neutro” que discorre sobre como o desconhecimento sobre as questões de gênero invisibiliza as relações de poder que delas fazem parte e “A religião como salvação” que faz considerações sobre a religiosidade presente no local do estudo versus os índices de violência encontrados no mesmo.

Palavras-chave: Gênero. Violência contra a mulher. Educação.

Abstract

The present study aimed to analyze the conceptions of the Management Team of a school located in the region with the highest number of reports of threats in the municipality of Novo Hamburgo on gender violence and on gender relations. Through a semi-structured interview, the reports of the management team were analyzed, that gave rise to the categories of analysis "Gender ... Male and female? Gender as a neutral place ", which discusses how ignorance about gender issues makes invisible the power relations that are part of them and" Religion as salvation "that makes considerations about the religiosity present at the study site versus the rates of violence found the same.

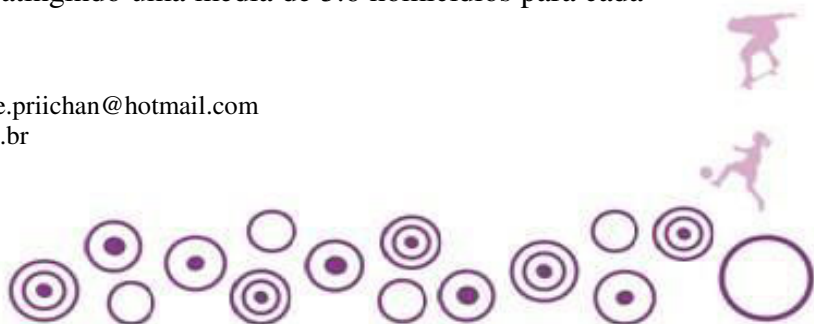
Keywords: Gender. Violence against women. Education


Novo Hamburgo e a violência contra a mulher

A violência contra as mulheres tem se apresentado de modos diferentes em diferentes comunidades, cujos arranjos impactam na atenção à saúde, nas políticas sociais e nas dinâmicas das escolas. No Estado do Rio Grande do Sul o aumento da taxa de homicídio de mulheres teve um acréscimo de 30.6% entre 2006 e 2013 (Mapa da Violência, 2015). O município de Novo Hamburgo é uma das cidades com maior taxa de feminicídio da região do vale dos Sinos, atingindo uma média de 5.6 homicídios para cada

¹ Licenciada em Pedagogia. Universidade Feevale. priichan@hotmail.com

² Doutor. Universidade Feevale. andrels@feevale.br





100 mil habitantes. Estando consideravelmente acima da média de todo o Vale do Rio dos Sinos (5.0 por 100 mil habitantes), os números de Novo Hamburgo são superiores à média do Estado do Rio Grande do Sul (3.9 para cada 100 mil habitantes) e da média Nacional (4.6 para cada 100 mil habitantes). Cabe ressaltar, entretanto, que a violência contra as mulheres manifestada em uma média de quase 6 mortes por 100 mil habitantes, não atinge a todos os bairros do município do mesmo modo.


Acessando os dados provenientes da “Delegacia para as Mulheres” de Novo Hamburgo, foi possível perceber que a violência de gênero atinge índices muito superiores em determinadas comunidades, enquanto em outras, o número de denúncias é muito baixo. Consultando os dados do mapa da violência do município de Novo Hamburgo, produzido pelo grupo de pesquisa do qual este trabalho emergiu (GERGEV-Feevale), pudemos identificar a escola mais próxima de onde concentravam-se mais casos de denúncia de ameaça, localizada no bairro Canudos. Nessa escola, entrevistamos a equipe diretiva, composta pela diretora, licenciada em letras, que tem 52 anos e há 22 trabalha na escola, e a coordenadora, de 30 anos, formada em Pedagogia, que está na escola há um ano. Através de entrevista semiestruturada, suas concepções deram origem as categorias de análise que seguem.

“Gênero... Masculino e feminino?” O gênero como lugar neutro

Questionou-se a equipe diretiva sobre se as questões de gênero fizeram parte de sua formação inicial ou continuada, o que se pôde perceber nos semblantes das entrevistadas foi dúvida e confusão: “Gênero... masculino e feminino? Neste sentido? Não... nunca discuti sobre isso na universidade” (diretora) “é... na minha bem pouco.” (Orientadora)

Estas afirmações vão ao encontro da teoria de Vianna e Unbehaum (2004), que afirmam que “nas escolas, as relações de gênero ganham pouca relevância entre educadores e educadoras, assim como no conteúdo dos cursos de formação docente.” Segundo os autores, ainda temos os olhos pouco treinados para ver as dimensões de gênero no dia-a-dia escolar, talvez pela dificuldade de trazer para o centro das reflexões não apenas as desigualdades entre os sexos, mas também os significados de gênero subjacentes a essas desigualdades e pouco contemplados pelas políticas públicas que ordenam o sistema educacional.





A falta de ênfase na discussão sobre gênero na formação dos professores faz com que os mesmos não percebam as relações de poder estabelecidas entre os sexos, pois para eles as mesmas ainda estão naturalizadas, ‘dadas’ como fixas, imutáveis.

Ao se questionar sobre como as relações de gênero se dão naquela realidade, a resposta foi:

“Tranquilo... assim... na normalidade da faixa etária de cada um deles... a gente percebe na educação infantil eles brincarem muito de casinha, papai, mamãe.. e os maiores assim, tem uma relação saudável, no recreio eles brincam bastante... as meninas de chute ao gol, elas são as goleiras. Assim... bem tranquilo, gostam muito de brincar de pega pega.” (Diretora)

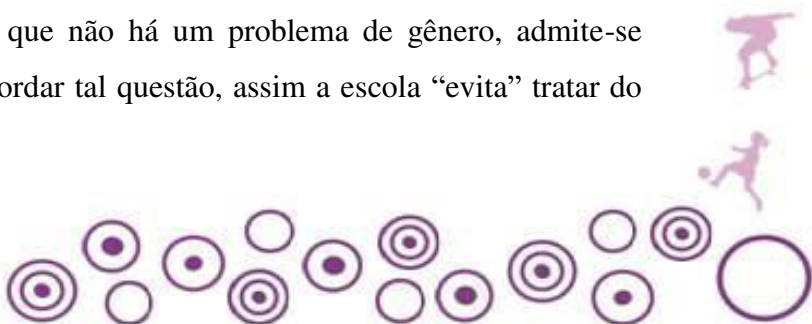
Através dessa fala pode-se perceber que a equipe diretiva parece não ter um entendimento claro a respeito das relações de gênero e aparentemente não as percebem como sendo presentes e vivas nas interações dos alunos daquela escola, nem como importante discussão, que está em foco na construção das leis que regem a educação básica. Para elas, são apenas brincadeiras, pura e simplesmente, despidas de qualquer atravessamento. Dessa maneira, falar sobre gênero se torna desnecessário, pois se não há um problema, não há o que discutir.


É importante pensar que essas formas de conceber as escolhas desses meninos e dessas meninas são datadas e remetem a determinado lugar. A leitura que fazemos das marcas em suas brincadeiras se funda numa construção cultural e histórica, concebidas como elementos possíveis devido a uma construção de gênero.

Para além disso, os depoimentos a equipe diretiva sugerem que as relações de gênero estariam num lugar neutro, esvaziado de tensões políticas. No momento em que não se fala, não se conhece, não se discute sobre gênero, não se constitui um olhar sensível para seus atravessamentos, seus significados, suas relações e as relações de poder ali presentes.

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados — portanto, não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas. (LOURO, 1997, p. 59).

No momento em que se admite que não há um problema de gênero, admite-se conseqüentemente que não se precisa abordar tal questão, assim a escola “evita” tratar do





assunto, sabendo que o mesmo é polêmico e traz preocupações aos pais. Apoiando-se no desconhecimento, a escola pode evitar possíveis problemas, tendo sua responsabilidade atenuada. Louro (1997) enfatiza que a "posição afastada, distanciada, isenta, em relação ao mundo social e político" [...] é, agora, "insustentável"; (p. 123).

Deste modo, ao não trabalhar sobre gênero na escola, elas de alguma forma estão reiterando a norma de uma forma que invisibiliza os embates e as desigualdades, colaborando para que se perpetuem e se naturalizem as assimetrias que permitem que uma cultura violenta de gênero se estabeleça.

A religião como salvação

Enquanto se buscava a escola mais próxima da região com maior índice de violência, um fato nos chamou a atenção: a quantidade de igrejas que rodeava aquela região e suas escolas. Pôde-se observar uma proporção de cerca de 5 igrejas para uma escola nesta região.

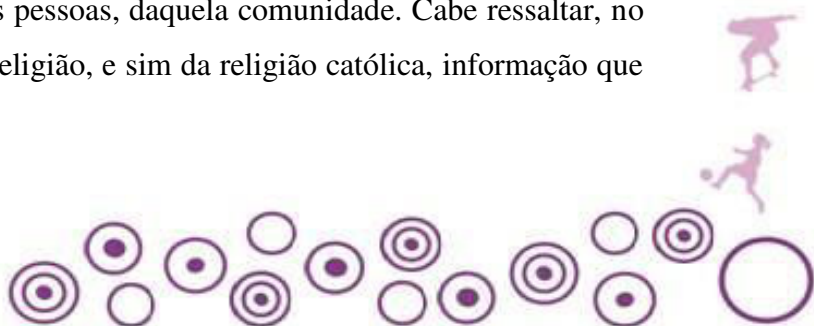
Há indícios de que historicamente a religião tem colocado as mulheres em posições inferiorizadas, designando a elas, através de suas escrituras, o papel da obediência ao marido, procriação, e cuidados com o lar, reforçando as posições hierárquicas ocupadas pelos sexos e colocando as mulheres em posição subalterna perante o homem. A partir desse entendimento e ciente do número de templos religiosos nas imediações da escola, a equipe diretiva foi questionada sobre possíveis atravessamentos religiosos no quadro de violência instaurado naquela região.


No entanto, a resposta da orientadora encaminhou-se em outro sentido:

“[...]falta muito essa questão de religiosidade nas famílias, né. Acreditar em algo... a gente percebe que isso, pelo menos aqui na escola morreu muito. Antigamente [...] a gente via aquele monte de criança que iam pra catequese, que iam pra igreja... não se percebe mais tanto isso.” (Orientadora).

E a diretora completa: “Acabou se perdendo, a gente percebe. As famílias perderam os valores...”

Não sem espanto, a resposta da orientadora pedagógica parece ir na contramão de concepções sobre a influência da igreja e da religião sobre a violência contra as mulheres daquela região. Diretora e coordenadora daquela escola acreditam que a religião poderia ser a salvação daquela situação, daquelas pessoas, daquela comunidade. Cabe ressaltar, no entanto, que não se trata de qualquer religião, e sim da religião católica, informação que fica evidente a seguir.





Ao questionadas sobre se os professores trabalhavam a religiosidade na sala de aula, afirmaram que “é mais essa questão de valores, né... na época da páscoa se trabalhou o significado da páscoa... mas não assim, a questão da religião católica.” Porém, em outro momento, a diretora afirmou que:

“Nós enquanto escola... a gente até propõe assim alguns momentos. Trouxemos o padre Pacheco que é aqui da comunidade católica. Ele veio na nossa primeira reunião de pais [...] quando a escola completou ano passado 55 anos ele também veio dar uma benção, né, e os que estavam presentes gostaram muito do que ele falou... [...] ele até usou aquela parte da bíblia “educar seus filhos usando uma vara” [...] a gente procura fazer porque sabe que é importante... tem que ter esse lado. Então se a escola não trazer isso né... não dar essa oportunidade pra eles...”
(Diretora).


“O Catolicismo foi a religião oficial do Brasil desde a sua primeira Constituição, em 1824, até 1890, quando a liberdade religiosa foi instituída por decreto. Atualmente, o Brasil é considerado o maior país católico do mundo em número absoluto de fiéis.”
(BUSIN, 2011, p.2)

De encontro às concepções da equipe, que acredita que a igreja pode melhorar o quadro de desigualdade de gênero, Fernandes (2005) diz que na Igreja Católica os homens “são os responsáveis pelas narrativas oficiais que naturalizaram os padrões sociais que regulam o que é próprio do masculino e do feminino.”

Operando nesta mesma lógica, Busin (2011) analisa uma passagem bíblica do livro de Gênesis, que conta como a humanidade foi expulsa do Paraíso. A passagem conta que deus ordenou a Adão e Eva que não comessem o fruto proibido, o fruto da Árvore do Conhecimento. Eva, que havia sido criada por Deus a partir de uma costela de Adão e para fazer companhia a ele, não resiste à tentação da serpente, desobedece à ordem dada por Deus e induz Adão a pecar com ela. A ira de Deus se expressou em maldições para ambos e todos os seus descendentes: a partir de então, a mulher pariria com dor e sofrimento, e seria dominada pelo homem que, por sua vez, teria de trabalhar arduamente para obter o alimento que o sustentaria.

Textos como esse justificam e “respaldam” a exclusão das mulheres na igreja católica, somados ao fato alegado de que Jesus escolheu doze apóstolos homens – e nenhuma mulher – para levar sua palavra a todo o mundo. (BUSIN, 2011)





Tudo isto corrobora com as evidências de que, ao invés de agir como uma salvadora do quadro de violência, como sugerido pela equipe, a igreja perpetua, através de suas crenças, as desigualdades de gênero e as relações de poder desiguais que as permitem.

É importante, também, ressaltar que a educação pública brasileira, bem como seu Estado, é laica, segundo a constituição federal. Segundo o OLE, Observatório da Laicidade do Ensino, “A religião pode ser tema de análise da filosofia, da sociologia e da história, mas não é referência para sustentação de valores, visões de mundo, comportamentos ou atitudes.” Também ressaltam que “na escola pública laica, não são feitas orações antes da entrada em sala ou do início das aulas”. Orientações que servem para os princípios cristãos não podem, segundo a organização, ser transferidas para a educação que o estado laico mantém.

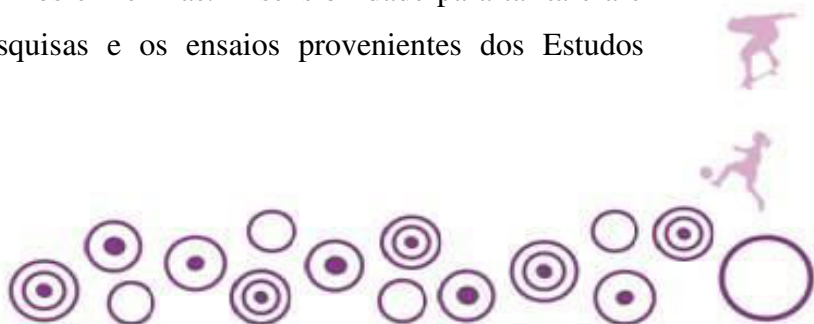
Considerações finais


Com o maior índice de violência contra a mulher do município de Novo Hamburgo, o Bairro Canudos abriga a escola cuja Equipe Diretiva cedeu os depoimentos que serviram de base para as análises deste estudo.

Buscou-se compreender as concepções da equipe diretiva desta escola sobre as relações de gênero, ao que se percebeu uma possível falta de compreensão da equipe sobre as mesmas, provavelmente proveniente da ausência deste assunto em seus cursos de graduação e mesmo na formação continuada, conforme relataram. Acerca da violência de gênero, a equipe diretiva acredita que a salvação seria o aumento da religiosidade, concepção que opera na contramão de estudos que classificam a religião como instituição que reforça a inferiorização da mulher e de sujeitos que desviem da norma padrão.

Percebe-se a necessidade urgente de que mais estudos como esses sejam realizados, principalmente no curso de Pedagogia e nas demais licenciaturas, pois as/os professoras/es são as/os principais mediadoras/es das relações estabelecidas no ambiente escolar, e estarão, na maioria das vezes, lidando diretamente com os alunos em sala de aula ou em espaços não-escolares.

Antes de pensar em qualquer intervenção pedagógica, é preciso que as/os próprias/os docentes reflitam sobre as relações de poder e as desigualdades que se instauram no ambiente escolar entre meninos e meninas. A sensibilidade para tal tarefa é importante, mas as teorizações, as pesquisas e os ensaios provenientes dos Estudos





Feministas podem se tornar elementos muito importantes para afinar o olhar, estimular inquietações, provocar reflexões.

Não podemos ser ingênuas/os de achar que toda essa situação pode ser mudada apenas pela escola, ou de que iremos extinguir qualquer desigualdade de gênero existente na sociedade, porém podemos adotar uma atitude vigilante e contínua, procurando desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade com o que é dado como "natural".

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: SP. Edições 70, 2010. 280 p.

BUSIN, Valeria Melki. Religião, sexualidades e gênero. **Rever**, ano 11, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/47118494-religiao-sexualidades-e-genero.html>>. Acesso em: 17 maio 2017.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. A não ordenação feminina: delimitando as assimetrias de gênero na Igreja Católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as. **Revista de Estudos Feministas**, 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2005000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 abr. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997. 283p.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Rev. bras. enferm.**, 2004. Disponível em:

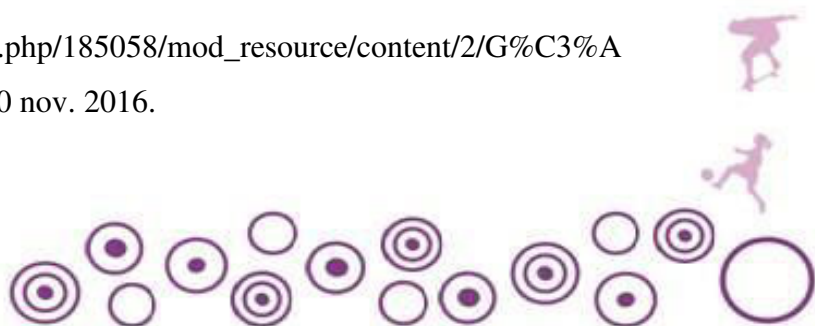
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672004000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 30 maio 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. 276 p. Disponível em:

<<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 16, p 15-22, 1989. Disponível em:

<https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%A1nero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 10 nov. 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

